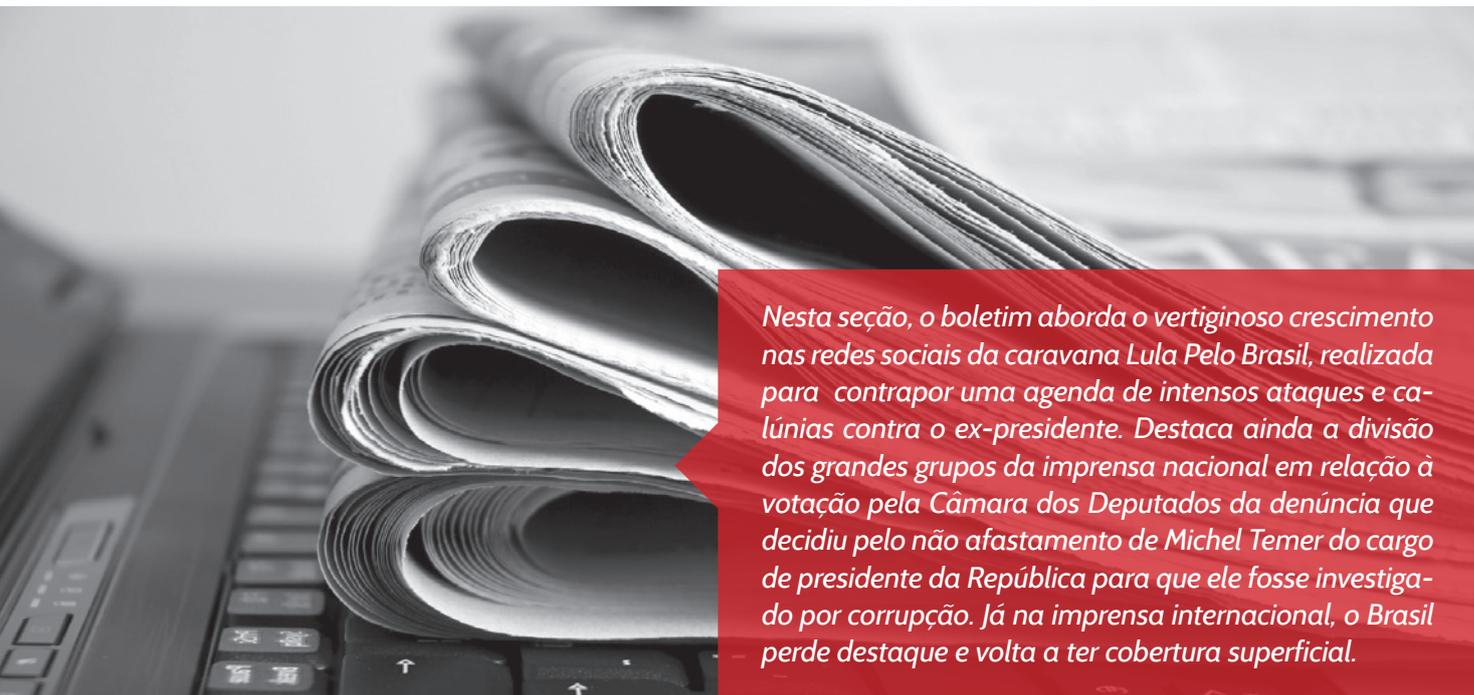


COMUNICAÇÃO

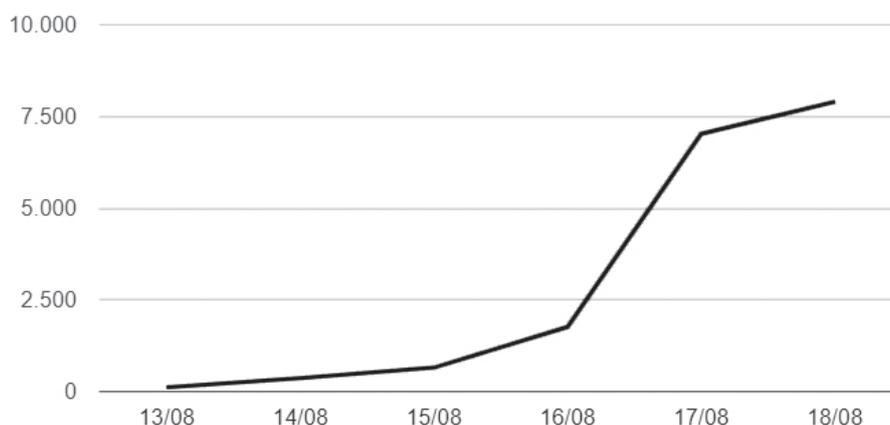


Nesta seção, o boletim aborda o vertiginoso crescimento nas redes sociais da caravana Lula Pelo Brasil, realizada para contrapor uma agenda de intensos ataques e calúnias contra o ex-presidente. Destaca ainda a divisão dos grandes grupos da imprensa nacional em relação à votação pela Câmara dos Deputados da denúncia que decidiu pelo não afastamento de Michel Temer do cargo de presidente da República para que ele fosse investigado por corrupção. Já na imprensa internacional, o Brasil perde destaque e volta a ter cobertura superficial.

Lula pelo Brasil

Entre os dias 13 e 18/09, a hashtag #LulaPeloBrasil foi impulsionada pela caravana promovida por

Lula e militância, que percorre inúmeros estados e cidades da região Nordeste do Brasil. A Caravana pretende, assim, contrapor uma agenda de intensos ataques e calúnias contra o ex-presidente Lula.



O crescimento até aqui foi vertiginoso durante o período. Desde a chegada de Lula a Salvador (BA), ponto de início da caravana, as hashtags #LulaPeloBrasil e #LulaPelaBahia deram um salto em menções e mantiveram-se em alto nível também no dia 18/08, segundo dia da caravana.

Entre as hashtags mais utilizadas no período destacam-se ainda termos como #BusãoDoLula, #Lulapaloozo, #LulaPeloNordeste, #ForaTemer, #Carava-

vanaLula, #Lula2018, #VoltaLula, #LulaNaEstrada, entre outras. A única hashtag negativa entre as mais utilizadas foi #LulaNaCadeia, ainda assim apenas a 14ª hashtag mais utilizada no período.

Já entre os principais links e notícias compartilhados no período, destacam-se a cobertura do *Brasil de Fato* e reportagem de Mauro Donato com o título “Quem é o militar que disparou sua arma no meio da caravana de Lula em Salvador?”. O tercei-

te mobilização de atores do Nordeste no Twitter, com destaque para políticos locais ou eleitos por colégios eleitorais da região. A atuação desses personagens, acrescida de intensa cobertura promovida por Lula, PT e atores da mídia independente, mostrará ter forças suficientes para pautar as notícias nacionais sem mesmo ter a cobertura e dedicação da imprensa vista como tradicional.

Grandes grupos e a absolvição de Temer

A votação da denúncia que decidiu pelo não afastamento de Michel Temer do cargo de presidente da República para que ele fosse investigado por corrupção mostrou uma divisão da grande imprensa sobre o resultado. Enquanto *O Globo* e a *Folha* criticaram os deputados que votaram contra a denúncia, o *Estadão* declarou que o resultado foi uma “vitória da responsabilidade” e o *Valor Econômico* não se posicionou, apenas fez uma análise sobre a conjuntura.

O diário carioca deu mais atenção do que os outros à votação e publicou editoriais nos dias 2, 3 e 4 de agosto, “Aprovar processo contra Temer é a melhor alternativa”, “Vitória de Temer prorroga a crise” e “O que resta a Temer fazer”, respectivamente.

O Globo manteve a pressão que vinha tentando exercer nas suas reportagens, foi o jornal que mais pontuou a concessão de emendas parlamentares em troca de votos a favor de Temer. Nos editoriais, o jornal deixa claro ser contra a permanência de Temer e argumenta que o PMDB e o PT praticam a mesma política, chegando a afirmar que Lula está para a OAS assim como Temer está para a JBS. *O Globo* defende apenas a equipe econômica de Temer e condena as administrações petistas a quem responsabiliza pela crise atual do país. O jornal alega que o resultado da votação passa para a sociedade a ideia de que “pesos e medidas mudam a depender de quem estiver em questão”, mas pede que Michel Temer aja rápido para garantir a aprovação da reforma da Previdência, antes da apresentação de outras denúncias que inviabilizariam completamente a reforma.

A Folha de São Paulo defendeu que o mais lógico seria que os deputados dessem continuidade às

investigações porque a denúncia tinha plausibilidade e fundamentação factual. O jornal afirmou que Temer estaria consolidando uma espécie de “impopularidade de resultados”.

Já o *Estadão* classificou a denúncia contra Temer de inepta e que ela era resultado da irresponsabilidade da PGR. O *Valor Econômico* apenas analisou que a crise política estava longe do fim porque ainda viariam outras denúncias e assim o futuro era incerto.

O posicionamento dos principais jornais impressos do país mostra que, embora a elite esteja dividida sobre o caminho político, ela está fechada quanto ao que deve ser feito na economia: diminuir a oferta e a qualidade dos serviços públicos de maneira a tornar a vida dos trabalhadores mais precária obrigando-os a aceitar qualquer condição de trabalho e de vida.

O Brasil na mídia estrangeira

A cobertura feita pelos jornais estrangeiros sobre o Brasil voltou a ser muito distante. As informações veiculadas no exterior são, em sua maioria, oriundas de agências de notícias (*Reuters*, *Associated Press*, *Agence France Press*) e das grandes empresas de jornalismo brasileiras. Além de haver menor número de reportagens dos correspondentes dos jornais, também diminuiu a quantidade de notícias publicadas sobre o Brasil. Pontuar esse detalhe é importante porque evidencia certo desinteresse dos veículos com relação ao país, sobre o qual publicam-se informações “enlatadas”.

O assunto mais trabalhado pelos periódicos estrangeiros foi a votação da denúncia contra Michel Temer, e é impressionante como a atenção dada ao possível afastamento do presidente golpista foi menor do que a empreendida em abril de 2016, quando Dilma Rousseff foi afastada ainda temporariamente. Nenhum dos veículos publicou editoriais sobre o tema, já durante o processo contra Dilma todos os jornais estrangeiros se posicionaram de forma extremamente crítica ao afastamento. Não é simples compreender o motivo dessa diferenciação, porém, o contexto é completamente diferente dada a falta de mobilização popular contra o governo. Esse simples fator já é

muito significativo para definir o nível de atenção dado pela imprensa. Há ainda outra questão, essa provocada pela própria Operação Lava Jato, que por muitas vezes foi chamada pelo jornal francês *Le Monde* de folhetim político-midiático-judiciário. É incalculável o número de vazamentos de informações sigilosas para a imprensa que ocorreram desde 2014 e, por isso, o enredo das investigações tornou-se indecifrável tanto para o público quanto para os jornalistas. É bem perceptível que se os jornais estrangeiros não têm segurança sobre a veracidade ou sobre a concretude das histórias, eles preferem aguardar até que haja um prognóstico mais claro.

É evidente que a relação desses veículos de imprensa com o noticiário sobre o Brasil não é semelhante à dos jornais brasileiros, que são agentes do sistema político nacional e atuam para ajudar a direcionar o país para o caminho da política neoliberal. Por isso as perspectivas dos jornais do exterior parecem ser mais claras, pois existe distanciamento político e ideológico, ao mesmo tempo em que a própria prática do jornalismo é outra, muito melhor e mais aprofundada do que a exercida no Brasil.

Nas reportagens sobre a votação da denúncia contra Michel Temer é possível encontrar alguns pontos comuns nas publicações dos jornais de Portugal, Espanha, Inglaterra, Estados Unidos, França e Alemanha: o alto valor gasto pelo Planalto com emendas parlamentares em troca da garantia de votos contrários a continuação do inquérito contra Temer; a alegação dos deputados de que o afastamento do atual presidente geraria uma nova onda de instabilidade para o país e a maneira como os deputados votaram apesar da vontade popular de que Temer seja afastado e investigado.

O jornal estadunidense *New York Times* utiliza levantamento da ONG Contas Abertas para informar que o Planalto investiu 1,3 bilhão de dólares em gastos discricionários, o que, segundo o veículo, é incomum em um período de austeridade em que hospitais, universidades e departamentos policiais tiveram seus orçamentos cortados. É impressionante que uma empresa de comunicação baseada tão distante do Brasil consiga mostrar o absurdo que está sendo feito aqui enquanto que a

imprensa brasileira, imersa no processo, não se engaja contra a precarização de serviços básicos para a sobrevivência e o bem-estar da população. Essa mesma reportagem entrevistou Marcelo Issa, diretor da consultoria política Pulso Firme, que afirmou que a população brasileira esperava uma grande mudança após a saída de Dilma Rousseff e não é o que se vê diante dessa crise política sem fim.

A ONG Contas Abertas também foi consultada pelo jornal inglês *The Guardian* e o fundador da ONG Gil Castello Branco disse que a cessão de emendas parlamentares funcionou como uma “relação comercial” e que o “governo deveria estar constrangido”. O periódico britânico também entrevistou o cientista político Maurício Santoro que assim como Marcelo Issa disse que a população esperava algo diferente e em consequência existe certa apatia benéfica para Michel Temer. Santoro concluiu que se houvesse manifestações nas ruas, o governo estaria muito mais pressionado.

O *Washington Post* entrevistou o consultor político Alexandre Bandeira que se mostrou estarecido: “nós sempre soubemos que administrações trocavam favores, mas isso estava muito ostentoso”. Ele ainda adicionou, “foi uma compra aberta de apoio e mostrou ao público que a busca de permanecer no poder era pessoal para o presidente”. A reportagem do *Washington Post* afirma que Temer assumiu após Dilma Rousseff ser destituída com base em acusações extremamente técnicas que a maioria dos brasileiros dificilmente compreendeu.

O jornal espanhol *El Mundo* acrescentou que ONGs ambientalistas acusam o Planalto de ter negociado votos com as bancadas evangélica e ruralista em troca de desproteger a Amazônia e proibir completamente o aborto. Como em outras ocasiões, o periódico espanhol aponta que Temer aplica reformas neoliberais no Brasil.

Apesar da vitória do governo de Michel Temer, todos os jornais estrangeiros aqui analisados informaram que ele não está garantido no poder porque deve ser alvo de outras duas denúncias e ainda pode ser atingido por delações premiadas que estão sendo negociadas.